

A Formação do Novo Israel

POR HERMES C. FERNANDES

“Depois destas coisas olhei, e vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e perante o Cordeiro...”

APOCALIPSE 7:9^a

“Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será entregue a um povo que produza os seus frutos.”

JESUS, O CRISTO EM MATEUS 21:43.

Se quisermos entender melhor o livro do Apocalipse, precisaremos compreender de forma mais ampla as questões que envolvem a Antiga e a Nova Aliança, e os seus respectivos povos. Nesta terceira parte de nosso estudo expositivo do Apocalipse, teremos de abrir um parêntese que nos preencherá vários capítulos, para então retornarmos ao livro das Revelações. Neste parêntese, faremos algumas importantes considerações e incursões pelas narrativas bíblicas, buscando desvendar os motivos divinos por trás da rejeição de Israel, e da admissão de todas as nações no propósito redentivo de Deus.

Quando Deus chamou a Abraão, prometeu fazer dele uma grande nação. E o fez. Abraão tornou-se a raiz de uma frondosa árvore chamada Israel. Mas a promessa de Deus não parava aí. O *“Farei de ti uma grande nação”* era tão-somente a primeira cláusula do contrato que Deus fazia com o patriarca (Gn.12:2). A última cláusula rezava: *“Em ti serão benditas todas as nações da terra”* (v.3). Foi justamente esta cláusula que os judeus ignoraram. Achavam-se os detentores das Bênçãos Abraâmicas, e não se dispunham a abrir mão desse monopólio. Eles não haviam entendido que o propósito de Deus não era fazer deles uma cisterna, e sim um canal de bênçãos para todas as nações.

O judaísmo encontrado por Jesus não era o mesmo iniciado por Moisés. A cadeira que o grande legislador deixou vaga, estava então ocupada pelos escribas e fariseus, que de acordo com a denúncia feita por Jesus, ensinavam uma coisa e viviam outra; e o pior de tudo é que eles fechavam o reino dos céus aos homens. *“Vós mesmos não entraís”*, ressaltou Jesus, *“nem deixais entrar aos que estão entrando”* (Mt.23:2-3, 13). Foram eles, que segundo Paulo, *“mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e a nós nos perseguiram. Eles não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens, e nos impedem de falar aos gentios para que eles sejam salvos”* (1 Ts.2:15-16a). Era esse o retrato do judaísmo apóstata que Jesus e Seus apóstolos enfrentaram em Seus dias. Ele tornara-se uma aberração. No lugar da Lei, o Talmude, com os seus acréscimos e as suas interpretações equivocadas dos textos sagrados. No lugar dos Profetas, a Cabala com o seu misticismo e suas superstições.

Até mesmo a adoração daquele povo fora questionada por Jesus. Citando Isaías, Ele disse que aquele povo em vão O adorava, pois ensinava doutrinas que eram preceitos de homens (Mc.7:7). ***“Jeitosamente rejeitais o mandamento de Deus para guardardes a vossa própria tradição (...) Invalidais, assim a palavra de Deus pela vossa própria tradição”*** (vs.9, 14a), ressaltou o Mestre.

Jesus veio decepar aqueles ramos, e enxertar novos ramos na Oliveira Abraâmica (Rm.11:17-18). A partir daí, configurou-se um Novo Israel. A raiz continua a mesma (Abraão), os ramos é que são outros. Em vez dos ramos naturais (os judeus), o Novo Israel agora possui ramos enxertados pela fé. ***“Nem todos os que são de Israel são israelitas”***, afirma Paulo (Rm.9:6b). ***“Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência de Abraão”***(v.8). E mais: ***“Os da fé é que são filhos de Abraão”*** (Gl.3:7). E ainda: ***“Se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, e herdeiros conforme a promessa”*** (v.29). Logo, somos nós, os crentes em Jesus, os verdadeiros filhos de Abraão, e não aqueles em cujas veias corre o seu sangue.

De quê somos herdeiros? Da herança de Abraão. E quê herança é essa? Afinal, que promessa Deus fez ao patriarca? ***“A promessa de que havia de ser herdeiro do mundo”*** (Rm.4:13). Não foi em vão que Deus acrescentou uma letra ao seu nome. Abraão, pai de uma nação, passou a ser “Abraão”, pai de uma multidão de nações (G.17:5).

Observe bem o que Paulo diz:

“Ora, as promessas foram feitas a Abraão e a seu descendente. A Escritura não diz: E a seus descendentes, como falando de muitos, mas como de um só: E a teu descendente, que é Cristo.” GÁLATAS 3:16.

Todas as promessas feitas a Abraão tinham um endereço certo: Jesus, o Cristo. Ele é o Herdeiro do mundo. O escritor de Hebreus afirma que o Pai O constituiu ***“Herdeiro de tudo”*** (Hb.1:2). Foi o próprio Pai Celestial que dirigiu-Se ao Seu Filho Amado, e disse-Lhe: ***“Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão”*** (Sl.2:8).

Na Antiga Aliança, Israel era a Herança do Senhor. Agora, na Nova Aliança, todas as nações foram entregues ao Filho de Deus como Sua Herança Eterna.

E não é só isso. ***“Se nós somos filhos, logo somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”*** (Rm.8:17a). Somos chamados de ***“bem-aventurados”***, pois herdaremos a terra (Mt.5:5). ***“Ainda um pouco, e o ímpio não existirá”***, declara Davi, ***“olharás para o seu lugar, e não aparecerá. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância da paz (...) Aqueles que ele abençoa herdarão a terra, e aqueles que forem por ele amaldiçoados serão exterminados (...) Os justos herdarão a terra, e habitarão nela para sempre”*** (Sl.37:10-11,22,29). Curiosamente, a teoria do arrebatamento secreto inverte tais promessas. De acordo com seus defensores, os justos que vão desaparecer, enquanto os ímpios assumem a terra (!)

Em vez disso, o que não falta na Bíblia são promessas de que os justos herdarão a Terra, enquanto os ímpios desaparecerão. Foi para isso que Deus levantou a Igreja, o Novo Israel. Assim como a antiga nação israelita, a Igreja tem à sua frente a Terra Prometida.

As sete nações cananéias que foram desapossadas por Israel representam a totalidade das nações da Terra que devem ser alcançadas e conquistadas pela Igreja de Cristo (At.13:19). Por isso Jesus comissionou os Seus discípulos para que disculpassem as nações (Mt.28:19). De acordo com a compreensão dada pelo Espírito a Paulo, a pregação de Jesus Cristo visa alcançar **“a todas as nações para obediência da fé”** (Rm.16:25-26).

Nossa esperança é que o Novo Israel não vai falhar no cumprimento de sua missão. E um dia, quando Cristo for o Desejado das Nações, Ele virá, e pessoalmente governará todas as nações. Enquanto não acontece o Seu segundo advento, Ele governa as nações através de Seu Corpo, a Igreja.

“Todas as nações serão abençoadas nele, e lhe chamarão bem-aventurado” (Sl.72: 17b). **“Todos os confins da terra se lembrarão, e se converterão ao Senhor; todas as famílias das nações adorarão perante ele, pois o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações”** (Sl.22:27-28). **“O Senhor Altíssimo é tremendo, é o grande rei sobre toda a terra. Ele nos submeteu os povos e pôs as nações debaixo dos nossos pés (...) Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono. Os príncipes dos povos se reúnem como o povo do Deus de Abraão, pois os reis da terra pertencem a Deus”**(Sl.47:2-3,8-9a). São promessas como estas que servem de combustível para a nossa fé!

O fracasso dos homens não põe em risco a execução do plano de Deus. Israel falhou, mas o propósito de Deus subsistirá. Aliás, Deus não tem planos alternativos. A rejeição de Israel já estava prevista por Deus. Ao levantar um novo povo, Deus estava apenas dando início à fase B de Seu glorioso plano. Não há plano A e plano B. O que podemos admitir é que Deus tem um único plano, que agora está na fase B de sua execução.

Podemos considerar a Igreja a continuação do verdadeiro Israel. Os santos que viveram sob a Antiga Aliança e os que viveram, vivem ou viverão sob a Nova Aliança formam um só povo. Dizer que Deus possui ainda dois povos distintos na Terra, é, no mínimo, uma incoerência.

Escrevendo aos gentios, Paulo diz: **“Portanto, lembrai-vos de que vós outrora éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão, feita pelas mãos dos homens; que naquele tempo estáveis sem Cristo, SEPARADOS DA COMUNIDADE DE ISRAEL, e estranhos às alianças da promessa (...) Mas agora em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Pois ele é a nossa paz, o qual DE AMBOS OS POVOS FEZ UM (...) Assim JÁ NÃO SOIS ESTRANGEIROS, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus”** (Ef.2:11-12a, 13-14a, 19).

Ora, se Deus uniu gentios e judeus em uma só comunidade, quem somos nós para dividi-los novamente. Não há qualquer respaldo bíblico que sustente a idéia de

que Deus tenha um plano específico para os judeus à parte da Igreja. Segundo o escritor sagrado, o povo da Antiga Aliança só estaria completo com a chegada do povo da Nova Aliança (Hb.11:40).

Em sua carta aos Gálatas, Paulo nos afiança: ***“Nem a circuncisão nem a incircuncisão significam coisa alguma; o que vale é a nova criação. Paz e misericórdia a todos os que seguem esta regra, ou seja, o Israel de Deus”***(Gl.6:15-16). Portanto, fica evidente que o Israel de Deus é formado por todos os integrantes da Nova Criação, não importando a que nacionalidade pertençam. Quanto aos judeus que rejeitaram o Messias, e os que ainda O rejeitam, não podem ser considerados como verdadeiro Israel. Todas as promessas feitas por Deus a Israel, foram transferidas para a Igreja, que é a continuação daquele povo (Ver At.13:32-34, 38-39).

Quando Jesus anunciou que a verdade por Ele pregada era capaz de libertar os homens, os judeus se pronunciaram, dizendo: ***“Somos descendentes de Abraão, e jamais fomos escravos de ninguém. Como é que dizes que seremos livres?”*** (Jo.8:33). Jesus lhes respondeu: ***“Sei que sois descendentes de Abraão. Contudo procurais matar-me, porque a minha palavra não penetra em vós (...) Se fôsseis filhos de Abraão, praticaríeis as obras de Abraão”*** (vs. 37, 39b).

Em vez de filhos de Abraão, Jesus disse que eles eram filhos do diabo (v.44). Foi baseado nas afirmações do próprio Cristo, que Paulo ousou dizer que ***“não é judeu o que o é exteriormente (...) Mas é judeu o que o é no interior”*** (Rm.2:28-29). Paulo chegou ao ponto de chamá-los de ***“falsa circuncisão”***.^[1] Pois a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne”(Fp.3:2b-3).

Desde o momento em que os judeus rejeitaram a Justiça que vinha do alto, achando que poderiam estabelecer a sua própria justiça, perderam o direito de se intitular Israel. Em Apocalipse eles são chamados de ***“Sinagoga de Satanás”***, pois ***“se dizem judeus e não o são, mas mentem”***(Ap.3:9).

Diante de tais evidências escriturísticas, como alguns ainda insistem com a idéia equivocada de que Deus tem algum propósito em especial para com o Estado de Israel, ou para com aquela etnia?

Reconhecemos a nação israelita, como reconhecemos qualquer outra nação na face da Terra. Mas não compactuamos da idéia de que Deus tenha qualquer plano com aquele povo à parte das demais nações.

Jesus alertou os judeus: ***“Haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, no reino de Deus, e vós lançados fora. Virão do Oriente e do Ocidente, e do Norte e do Sul, e tomarão lugares à mesa no reino de Deus. Deveras, há últimos que virão a ser primeiros, e primeiros que serão últimos”*** (Lc.13:28-30). Pode até parecer uma ironia do destino, mas o fato é que Israel, embora tenha sido a primeira nação a receber a revelação de Deus, será a última a ingressar no Reino. Todas as nações a precederão. Paulo diz que ***“o endurecimento veio em parte a Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo”*** (Rm.11:25b-26a). Por enquanto, ***“neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça”*** (v.5). Entre os judeus segundo

a carne, há verdadeiros descendentes de Abraão. E quem são eles? Os que reconhecem Jesus como o Messias prometido por Deus, e O recebem como seu Senhor e Salvador. Ninguém é salvo só por ser judeu. Essa estória de que judeu já nasce salvo é uma inverdade. Em seu discurso de despedida dos Efésios, Paulo diz: ***“Tenho declarado TANTO AOS JUDEUS como aos gregos que devem se converter a Deus, arrepender-se e ter fé em nosso Senhor Jesus Cristo”*** (At.20:21). Fora de Cristo não há a mínima possibilidade de salvação pra quem quer que seja, gentio ou judeu.

E quando será que Israel como um todo se converterá a Cristo? Quando todas as demais nações houver entrado no Reino de Deus. Devemos lembrar que “entrar no Reino” é o mesmo que “nascer de novo”, sendo transportado do Império das trevas para o Reino do Filho Amado de Deus (Jo.3:3,5; Col.1:13).

A admissão de nação israelita no Reino de Deus coincide com o tempo em que Deus há de ressuscitar os mortos para o Juízo. Paulo indaga: ***“Pois se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?”*** (Rm.11:15).

Dessa maneira, os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros. Cumpre-se o que profetizou Isaías:

“Fui buscado dos que não perguntavam por mim; fui achado daqueles que não me buscavam. A um povo que não invocava o meu nome eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui.” ISAÍAS 65:1.

E que tal a profecia de Oséias, bem lembrada e citada por Paulo?

“Como diz em Oséias: Chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada. No lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo, aí serão chamados filhos do Deus vivo.” ROMANOS 9:25-26.

Lições para o Novo Israel

***“Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo?
Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós.”***

REI SALOMÃO EM ECLESIASTES 1:10.

***“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão,
para a correção, para educação na justiça.”***

PAULO A TIMÓTEO EM 2 Tm.3:16.

Se Deus já pretendia levantar a Igreja, qual a razão de Ele ter levantado primeiro Israel? Por que Ele permitiu que Israel se desviasse dos Seus caminhos, e assim, fosse reprovado como povo de Deus?

Não há só uma resposta para estas perguntas. Entretanto, queremos encontrar uma razão plausível que diga respeito diretamente à Igreja.

Já sabemos que a intenção de Deus sempre foi a de alcançar a todas as nações, enquanto que Israel preferia manter o monopólio da revelação. Mas esta não foi a única razão que fez com que Deus permitisse a queda daquele povo.

Observe atentamente o que Paulo diz sobre isso:

"Irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. Todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar. Todos eles comeram da mesma comida espiritual, e beberam da mesma bebida espiritual; pois bebiam da pedra espiritual que os seguia, e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles, razão por que seus corpos foram espalhados pelo deserto. Ora, estas coisas aconteceram como exemplo, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais idólatras, como alguns deles; como está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar. Não nos prostituamos, como alguns deles fizeram, e caíram num só dia vinte e três mil. Não tentemos o Senhor, como alguns deles também tentaram, e foram mortos pelas serpentes. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo anjo destruidor. TUDO ISSO LHES ACONTECEU COMO EXEMPLOS, e estas coisas ESTÃO ESCRITAS PARA AVISO NOSSO, PARA QUEM SÃO CHEGADOS OS FINS DOS SÉCULOS." 1 CORÍNTIOS 10:1-11.

Eis uma razão pedagógica para a queda daquele povo. A saga dos israelitas foi registrada como aviso de Deus para nós que vivemos sob a Nova Aliança. Devemos, portanto, observar seus erros e acertos, evitando assim, afastar-nos do centro da vontade de Deus.

De certa forma, podemos dizer que a história se repete. Basta observar os incríveis paralelos entre a história dos hebreus e a história da Igreja.

Nós, portanto, não temos o direito de repetirmos os mesmos erros que aquele povo cometeu. Eles não tinham em quem se espelhar, nós temos. Sem contar que, eles não eram habitados pelo Espírito Santo como nós.

O sacro escritor diz que a eles também foram anunciadas as boas-novas assim como a nós, *“mas a palavra que ouviram nada lhes aproveitou, visto não ser acompanhada pela fé, naqueles que a ouviram”* (Hb.4:2). E que *“ninguém caía no mesmo exemplo de desobediência”* (v.11b), alerta o escritor.

• **ESCOLHA DO HOMEM *versus* ESCOLHA DE DEUS**

Está mais do que provado que o homem natural não sabe escolher corretamente. Esta é uma das principais lições que a Igreja deve aprender através da história do povo hebreu.

Que Deus concedeu livre-arbítrio ao homem, não há como discutir. Porém, as Escrituras fornecem provas conclusivas de que o ser humano não está habilitado a tomar suas próprias decisões. A começar por Adão, o primeiro da raça, o homem tem se mostrado irresponsável e inconseqüente nas escolhas que faz.

Embora Israel fora alvo da escolha soberana de Deus para ser canal de Sua revelação ao mundo, Deus concedeu àquele povo a oportunidade de fazer suas próprias escolhas. *“Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti”*, diz o Senhor, *“que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolhe a vida, para que vivas, tu e os teus filhos, amando o Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e apegando-te a ele”* (Dt.30:19-20a). E por qual caminho Israel optou? O caminho da rebelião. E Deus insistiu com eles por muito tempo. Mais tarde, Deus orientou a Jeremias: *“A este povo dirás: Assim diz o Senhor: Ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte”*(Jr.21:8). Porém Jeremias já havia sido advertido pelo Senhor de que eles escolheriam antes a morte do que a vida (8:3).

Através de Israel e suas más escolhas, Deus provou que o livre-arbítrio com o qual Ele presenteou o ser humano já não está tão livre assim. Nosso arbítrio tornou-se escravo das condições em que vivemos. Todas as decisões tomadas pelo homem sofrem a influência do ambiente em que vive, dos apetites carnis que o dominam, e sobretudo, de sua condição espiritual. Portanto, não há decisão alguma que possa ser considerada isenta de qualquer fator. As ciências humanas comprovam isso. Se Israel soubesse escolher, não haveria escolhido a Saul para ser seu monarca.

A última prova dada por Deus ao homem quanto à sua inabilidade de escolher, foi quando enviou-nos Jesus para ser rejeitado pelos de Sua própria nação (Jo.1:11).

Entre Deus e o bezerro de ouro, qual foi mesmo a escolha de Israel? E entre Deus e Baal? E entre ser governado diretamente por Deus e ter o seu próprio rei? E finalmente, entre Jesus e Barrabás, eles escolheram Barrabás. Ainda há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus.^[2]

Uma vez que esta lição já foi aprendida, não vejo qualquer dificuldade em admitir que Deus tem toda razão ao fazer Sua própria escolha. Foi o próprio Jesus que afirmou: **“Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi”**(Jo.15:16).

Já que o arbítrio humano está comprometido pelo pecado que dele se assenhoreou, não haveria outra alternativa para Deus senão a de fazer a Sua própria escolha.

Cristo **“veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos os que o receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus - filhos nascidos não do sangue, nem da VONTADE DA CARNE, nem da VONTADE DO HOMEM, mas de Deus”**(Jo.1:11-13).

O Novo Israel não é formado de pessoas em cujas veias corre o mesmo sangue, mas de pessoas que foram escolhidas a dedo por Deus, e adquiridas pelo Sangue de Seu precioso Filho, Jesus.

E quanto ao nosso *querer*? Será que Deus violaria a nossa liberdade de escolha? Que liberdade? Aquela que se perdeu no Éden, quando o homem rendeu-se ao domínio do pecado? Desde então, a vontade humana não é livre. O homem faz suas escolhas de acordo com o estado do seu coração, e, segundo as Escrituras, **“enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto”**(Jr.17:9a). Quem insiste com o mito do livre-arbítrio ainda não levou a sério o diagnóstico que a Bíblia faz do coração humano.

O mesmo Cristo que diz: **“Quem tem sede, venha; e quem QUISER, tome de graça da água da vida”**(Ap.22:17b), é o mesmo que afirma: **“Contudo vós não QUEREIS vir a mim para terdes vida”**(Jo.5:40).

Se o homem não quer, o que fazer então?

Se Deus é Soberano, por que teria que submeter o Seu querer ao querer do homem?

O caminho encontrado por Deus para resolver este terrível dilema foi dispensar a Sua graça àqueles a quem Ele escolheu desde antes da fundação do mundo, fazendo-os desejar aquilo que Ele já preparou para eles. Por isso Paulo afirma que é Ele quem opera em nós, **“tanto o QUERER quanto o efetuar, segunda a SUA boa vontade”**(Fp.2:13).

Desta forma, Deus não viola o querer do homem, e nem tampouco abre mão de Sua Soberania. Ele apenas convence o homem, pelo Seu Espírito, a render-se à Sua vontade. Assim, o querer do homem é ajustado ao querer de Deus.

Se não queremos repetir os erros da Israel no passado, devemos aceitar com gratidão as condições estabelecidas por Deus para o Novo Israel, em vez de questionar a Sua Justiça e Soberania. Afinal, Deus é absolutamente confiável.

A Tirania de Faraó e a Escravidão da Lei

*A Lei diz “faça”; a graça diz “está feito”.
John Henry Jowett.*

Em Atos 7, no contundente discurso de Estêvão, encontramos um resumo da história de Israel. Ao ser sabatinado pelo Sinédrio, o primeiro mártir cristão fez o seguinte esboço:

"Irmãos e pais, ouvi! O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão (...) e lhe disse: Sai da tua terra, e dentre a tua parentela, e dirige-te à terra que eu te mostrarei (...) Ele não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé. Mas prometeu que lhe daria a posse dela, e depois dele à sua descendência, embora naquele tempo ele não tivesse filho. Deus lhe falou assim: A tua descendência será peregrina em terra alheia, e a sujeitarão à escravidão, e a maltratarão por quatrocentos anos. Mas eu julgarei a nação que os tiver escravizado, disse Deus. Depois disto sairão e me servirão neste lugar." ATOS 7:2-7.

Que precisão profética incrível! Abraão já estava avisado de tudo o que sua descendência enfrentaria por cerca de quatrocentos anos no Egito. Portanto, a estada de Israel no Egito estava dentro do programa provisional de Deus.

Estêvão prossegue expondo os motivos que levariam Israel para aquela terra:

"E deu-lhe o pacto da circuncisão. E Abraão gerou a Isaque, e o circuncidou ao oitavo dia. Isaque gerou a Jacó, e Jacó gerou aos doze patriarcas. Os patriarcas, movidos de inveja, venderam a José para o Egito. Mas Deus era com ele, e o livrou de todas as suas tribulações, e lhe deu graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito; de sorte que o constituiu governador do Egito e de toda a sua casa. Sobreveio então a todo o país do Egito e de Canaã fome e grande tribulação, e nossos pais não achavam alimento. Mas tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou nossos pais, a primeira vez. Na segunda vez José deu-se a conhecer a seus irmãos, e manifestou a sua linhagem a Faraó. José mandou chamar a seu pai Jacó e a toda a sua parentela, que era de setenta e cinco almas. Jacó desce ao Egito, onde morreu, ele e nossos pais (...) Aproximando-se, porém, o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito. Então se levantou outro rei, que não conhecia José. Esse, usando de astúcia contra a nossa linhagem, maltratou a nossos pais, ao ponto de forçá-los a enjeitar as suas crianças, para que não se multiplicassem." ATOS 7:8-15, 17-19.

Atente bem para um detalhe: Foi Deus quem transportou Jacó e seus filhos para o Egito para guardá-los da fome. Foi a provisão divina que permitiu que José fosse traído e vendido pelos seus próprios irmãos, a fim de que, chegando à posição de governador do Egito, pudesse prover sustento aos filhos de Israel.

Ali eles ficaram por quatro séculos.

De mesma forma como Deus usou o Egito para prover sustento ao povo hebreu, Deus usou a Lei para guardar o Seu povo até o tempo em que a promessa do Espírito se cumprisse.

Paulo afirma que *“antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, encerrados para aquela fé que se havia de manifestar”*(Gl.3:23). A Lei visava o nosso benefício. O problema é que, com o tempo, a Lei passou a escravizar-nos.

Como Israel de Deus, éramos os herdeiros da promessa, mas a Lei nos tratava como escravos. Paulo diz que *“todo o tempo que o herdeiro é menino em nada difere do escravo, ainda que seja SENHOR DE TUDO. Ele está debaixo de tutores e curadores até o tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão”* (Gl.4:1-3a).

O que o Egito foi para os hebreus, a Lei foi para os cristãos. Deus nos colocou debaixo dela para que fôssemos guardados até o momento em que os herdeiros se tornassem idôneos para assumir a sua posição. Porém, aqueles que se intitulavam os guardiões da Lei, aproveitaram-se dela para dominarem os seus patrícios.

• **MOISÉS & JESUS**

Somente Aquele que os colocara no Egito, poderia tirá-los de lá. Assim também, somente Deus poderia remover de nossos ombros o jugo da Lei.

E de quê maneira Ele faria isso?

Vejamos o relato de Estêvão:

“Nesse tempo nasceu Moisés, e era muito formoso, e foi criado três meses na casa de seu pai. Ao ser enjeitado, tomo-o a filha de Faraó, e o criou como seu filho. Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras. ATOS 7:20-22.

Moisés nasceu no Egito, debaixo da tirania de Faraó. E aqui encontramos um extraordinário paralelo entre o Libertador hebreu e o Senhor Jesus. Paulo relata que *“vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei”* (Gl.4:4-5a). João parece ter percebido claramente este paralelo, quando afirmou que *“a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”* (Jo.1:17). E as “coincidências” não param por aí. Tanto Moisés quanto Jesus nasceram durante um implacável infanticídio promovido por dois loucos monarcas, Faraó e Herodes. O primeiro, ordenou a morte de todos os recém-nascidos hebreus do sexo masculino, por achar que a multiplicação do povo hebreu se constituía uma ameaça à soberania do Egito. O segundo, ordenou a matança dos recém-nascidos, ao receber a notícia de que havia nascido o Messias, o que, para ele, colocava em risco a legitimidade de seu poder como monarca da Judéia.

Para deixar ainda mais nítido o paralelo, Deus ordenou que José e Maria, em posse do recém-nascido Jesus, se refugiasse justamente no Egito (Mt.2:13).

Assim como Moisés foi instruído nas ciências do Egito, Jesus também foi instruído na Lei, a tal ponto que, com apenas doze anos de idade, foi capaz de discutir com os doutores da Lei. O relato provido por Lucas sobre esse episódio termina dizendo: ***“E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens”*** (Lc.2:52).

Um outro paralelo interessante entre Jesus e Moisés é que ambos tiveram a oportunidade de optarem entre a vontade de Deus e um reinado passageiro. De Moisés é dito que pela fé, ***“sendo já homem, recusou ser chamado filho da filha de Faraó. Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que, por algum tempo, ter o gozo do pecado. Teve por maiores riquezas o opróbrio de Cristo do que os tesouros do Egito, porque tinha em vista a recompensa”***(Hb.11:24-26). Segundo alguns historiadores, Moisés poderia ter sido o próximo Faraó do Egito. Porém, ele preferiu o caminho mais difícil. Trocou o cetro egípcio por um cajado, o palácio pelo deserto e as pirâmides por um túmulo que ninguém na terra sabe localizar. Assim também Jesus, ***“pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz”*** (Hb.12:2). Ele poderia ter cedido à proposta de Satanás; bastava prostrar-se diante do anjo caído, e este Lhe entregaria, de *mão beijada*, todos os reinos deste mundo (Mt.4:8-10). Este era o caminho mais curto para que Jesus se tornasse o Rei das Nações, porém, não era o caminho prescrito por Deus. Foi por recusar tal oferta, e preferir a Cruz, que ***“Jesus é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés”, “Ele foi fiel ao que o constituiu, como também o foi Moisés em toda a casa de Deus”*** (Hb.3:3,2). A diferença entre eles é que Moisés era *“servo”*, enquanto Jesus é o Filho de Deus . O santo escritor diz: ***“Moisés, na verdade, foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que se haviam de anunciar. Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa”*** (Hb.3:5-6a).

Moisés foi levantado para libertar seu povo do Egito, e Jesus foi-nos enviado para resgatar-nos de debaixo da Lei e do poder do pecado (Gl.4:5 e Jo.8:32-36).

Através de Cristo, nós, os herdeiros de Deus, alcançamos a idoneidade, de maneira que, não necessitamos mais estar sob a tutela da Lei. A Lei tinha razão de ser enquanto éramos meninos, sob a Antiga Aliança. Agora, porém, na Nova Aliança, o Espírito de Cristo nos foi outorgado, fazendo-nos idôneos para herdarmos a promessa. Paulo diz que devemos render graças ao Pai ***“que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz, e que nos tirou do império das trevas, e nos transportou para o Reino do Filho do Seu amor”***(Col.1:12-13). Ele nos fez idôneos por haver enviado ***“aos nossos corações o Espírito de seu Filho”, “assim que já não és mais escravo, mas filho; e se és filho, és também feito herdeiro por Deus”***(Gl.4:6a,7).

O papel dos ministros de Deus é ***“abrir os olhos”*** dos homens, ***“e das trevas os converter à luz, e da potestade de Satanás a Deus, a fim de que recebam remissão dos pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim”***, foi o que Jesus declarou em visão a Paulo (At.26:18).

O que cabia a Deus fazer, Ele já o fez. Ele tirou-nos de debaixo da tirania da Lei e nos deu a herança das nações. Nosso papel agora é abrir os olhos da Igreja para

veja a grandiosidade da promessa de Deus para ela. Por isso Paulo escreveu aos Efésios:

"Oro também para que sejam iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos." Efésios 1:18

Jerusalém, o Novo Egito

“E os seus corpos jazirão na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e EGITO, onde o seu Senhor também foi crucificado.”

APOCALIPSE 11:8.

Quarenta anos se passaram, desde que Moisés fugira do Egito para viver na terra de Midiã. De repente, avistou um fenômeno estranho: uma sarça ardia em fogo, mas não se consumia. Aproximando-se para conferir de perto aquela visão, Moisés ouviu a voz de Deus que depois de apresentar-Se, disse:

“De fato, tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus opressores, e conheço os seus sofrimentos (...) E agora o clamor dos filhos de Israel chegou a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel.” ÊXODO 3:7, 9-10.

Se Faraó representa a Lei, o que representaria o Egito para os filhos do Novo Israel? Em Apocalipse 11:8, é dito que a cidade onde Cristo fora crucificado era espiritualmente chamada de Sodoma e Egito. Em que cidade morreu nosso Senhor? Em Jerusalém.

Em Gálatas 4:21-31, o apóstolo Paulo fala de duas mulheres, Sara e Hagar. Ambas tiveram filhos de Abraão, e são alegorias de duas alianças. Hagar, que era egípcia, representa a aliança feita no monte Sinai (A Lei), *“gerando filhos para a escravidão”* (v.24b), e *“corresponde à Jerusalém atual, porque é escrava com os seus filhos”*(v.25b). Já Sara corresponde à *“Jerusalém que é de cima”* e que *“é livre, a qual é mãe de todos nós”* (v.26). Ele ainda diz que devemos lançar fora a escrava e seu filhos, *“pois de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre”* (v.30). Trata-se de uma ruptura decisiva entre o judaísmo apóstata e o cristianismo. Os filhos da Jerusalém Celestial não tem nada a ver com a Jerusalém terrena. Quem pensa que judeus e cristãos possuem uma herança em comum, está equivocado. O legalismo produz escravos, não filhos. Somente o Evangelho da Graça é capaz de produzir filhos. E Jesus diz que *“o escravo não permanece sempre em casa, mas o Filho aí permanece para sempre”* (Jo.8:35).

Nosso monte não é o Sinai, e sim o Monte Sião.^[3]

O Escritor de Hebreus diz que não temos *“chegado ao monte palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao som da trombeta, e ao som de palavras tais, que, quantos o ouviram rogaram que não se lhes falasse mais, porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo aterrado e trêmulo. Mas tendes chegado ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém Celestial”* (Hb.12:18-22a).

Só chegam à Jerusalém Celestial os que definitivamente romperam com a Jerusalém terrena, isto é, com o legalismo que ela representa. Não dá pra chegar à Terra da Promissão, enquanto estivermos ainda no Egito. Romper com a Jerusalém terrena equivale a romper com o legalismo judaizante, com as tradições escravizantes; figuradamente, é descer o Sinai, e subir a Sião.

Esta não foi uma lição muito fácil de ser aprendida pelos cristãos primitivos, assim como não foi nada fácil para Abraão despedir Hagar com o seu filho Ismael. Muitos deles não entendiam que estavam vivendo um verdadeiro Êxodo, que a exemplo do outro, também duraria cerca de quarenta anos. Em um certo sentido, o Êxodo cristão começou na Cruz, quando o Cordeiro Pascal foi oferecido a Deus, e terminou no ano 70 d.C., com a queda de Jerusalém promovida por Tito, general romano que mais tarde tornou-se imperador.

Assim como os filhos de Israel viveram ao redor do Sinai por quarenta anos, a igreja primitiva só rompeu de vez com o judaísmo quando desmoronou-se o centro do culto judaico, quarenta anos após a sua formação.

O livro de Atos narra a trajetória do Novo Israel, do Judaísmo para um Cristianismo puro. É por isso que Atos não pode ser visto como um livro normativo em termos doutrinários. Trata-se do relatório de um período de transição vivido pela Igreja. Poderíamos chamá-lo de “o Êxodo” do Novo Testamento.

Ele começa com a despedida de Jesus, Suas últimas recomendações, e Sua ascensão ao céu. Logo no quarto versículo, encontramos Jesus exortando Seus discípulos a não se ausentarem de Jerusalém. O mesmo escritor de Atos diz no primeiro volume de sua obra que Jesus ordenou: “**Ficai na cidade até que do alto sejais revestidos de poder**”(Lc.24:49). Entretanto, após a chegada do Espírito, os discípulos estariam habilitados a testemunharem acerca do Reino em todas as nações. Jerusalém seria apenas o ponto de partida. De Jerusalém para toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra (At.1:8). Lucas diz que “**em seu nome se pregará o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém**”(Lc.24:47). Ser “ponto de partida”, não significa ser “sede” do cristianismo. Durante os primeiros anos, Jerusalém foi de fato o centro das atividades cristãs. Mas isso não durou muito tempo. Bastou uma perseguição por parte dos judeus, e logo a Igreja se espalharia por outras regiões (At.8:1). “**Mas os que andavam dispersos iam por toda a parte anunciando a palavra**” (v.4).

Durante os primórdios, os cristãos ainda freqüentavam o Templo de Jerusalém (At.2:46). Até entre os sacerdotes havia seguidores de Cristo (6:7). Muitos costumes judaicos ainda eram preservados, como a abstinência de alimentos (13:2; 14:23), a circuncisão (16:3), os votos (21:24) e etc.

O *cordão umbilical* começou a ser cortado quando o primeiro gentio converteu-se a Cristo. Pedro jamais poderia supor que Cornélio receberia o dom do Espírito Santo enquanto ouvia atentamente a exposição do Evangelho (At.10:44-48). Não foi preciso sequer que Pedro lhe impusesse as mãos. Este evento deflagrou uma discussão sem precedentes no seio da Igreja (11:1-2). Muitos irmãos sinceros, que ainda não haviam se desvencilhado dos costumes judaicos, insistiam com a idéia de

que a salvação de um gentio só seria possível mediante à circuncisão. Isto é, para que um gentio fosse aceito na comunidade cristã, deveria fazer-se judeu (15:1).

Por conta desta contenda, **“congregaram-se os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto. E, havendo grande discussão, levantou-se Pedro, e lhes disse: Irmãos, bem sabeis que já muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. Deus, que conhece os corações, deu testemunho a favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós. E não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre o pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar. Mas cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também”** (At.15:6-11).

Estava declarada a guerra entre os partidários da salvação pela graça, e os judaizantes legalistas.^[4]

Provavelmente, Paulo foi o mais ardoroso soldado das trincheiras da Graça. A Epístola endereçada aos Gálatas comprova isso. Infelizmente, Pedro parece ter cedido às pressões judaizantes, pelo menos por algum tempo. Coube a Paulo exortá-lo, para que retornasse às trincheiras do Evangelho da Graça.

A Epístola de Hebreus, que muitos atribuem a Paulo, nos exorta a não nos envolvermos com **“doutrinas várias e estranhas. Bom é que o coração se fortifique com a graça, e não com alimentos que não trouxeram proveito nenhum aos que com eles se preocuparam** (uma das principais preocupações dos judaizantes). **Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo** (Judaísmo). **Os corpos dos animais, cujo sangue é trazido para dentro do santo lugar pelo sumo sacerdote com oferta pelo pecado, são queimados fora do arraial. E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta** (de Jerusalém)” (13:12). Recordemo-nos que “santificar” significa “separar”. Embora se diga que Jesus morreu em Jerusalém, Seu sangue foi derramado do lado de fora dos muros daquela cidade. O Escritor sagrado então faz um apelo: **“Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu opróbrio. Pois não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a vindoura”** (Hb.13:13-14).

A Palavra nos convida a deixarmos Jerusalém, o que para nós, significa romper com o legalismo, com o judaísmo apóstata, e caminhar em direção à Cidade Celestial. **“Saíamos”**, é o convite que o escritor sagrado nos faz. Vale lembrar aqui, que a palavra “êxodo” quer dizer “saída”. Permanecer sob a tirania da Lei é o mesmo que preferir o Egito à Terra que mana leite e mel.

No Êxodo dos filhos de Israel, Deus primeiro os tirou do Egito, para depois tirar o Egito deles. Foram necessários quarenta anos no deserto para que o Egito fosse tirado de seus corações. No Êxodo da Nova Aliança, Deus primeiro tirou Jerusalém de dentro deles, para depois tirá-los de lá. Somente quarenta anos depois de Pentecostes, Deus os tirou de vez de Jerusalém.

E foi a duras penas. Foi necessário que a Igreja sofresse todo tipo de perseguição por parte dos judeus, para que o cristianismo deixasse de vez o Templo judeu e se instalasse nas casas dos crentes em todo o mundo.

O livro de Atos termina com Paulo declarando a um grupo de judeus que a partir daquele momento dedicaria seu ministério exclusivamente à evangelização dos gentios. ***“Havendo ele dito isto, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda. Paulo ficou dois anos inteiros na sua casa alugada, e recebia a todos os que o visitavam, pregando o reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum”***(28:29-31).

^[1] Circuncisão - Rito no qual o prepúcio do menino recém-nascido sofria uma cisão, e que caracterizava o povo judeu. Esse era o sinal estabelecido por Deus para distinguir os descendentes de Abraão segundo a carne (Gn.17:10). Porém, aquela circuncisão era apenas a sombra da verdadeira circuncisão feita por Deus no coração humano (Dt.30:6; Cl.2:11).

^[2] Adágio popular que em latim é VOX POPULI, VOX DEI.

^[3] Sião - Significa literalmente “monte ensolarado”, e alegoricamente é o Monte sobre o qual está fundada a Cidade de Deus, a Nova Jerusalém, que é a própria Igreja de Cristo.

^[4] Judaizante - Alcinha dada àquele que pretende introduzir costumes restritamente judaicos a um outro povo.